

# Aluizio Rebello de Araujo, Cidadão Brasileiro



Aluizio Rebello no discurso de posse como presidente da FUNCEB

**N**a profissão de militar aprende-se a cultivar a imagem de grandes heróis do passado – homens e mulheres que tiveram a coragem de enfrentar situações limite com coragem e determinação, e acabaram, com sua aparente teimosia, criando condições para que futuras gerações vivessem com mais dignidade e paz.

Foram pessoas que tiveram de vencer as vacilações de seus contemporâneos, e até a oposição de alguns companheiros. Sem contar, é claro, com a pressão às vezes insuportável da força de seus adversários.

Tais figuras-mito parecem apenas viver no passado, quando, na maioria das vezes, estão ainda entre nós, não apenas na nossa memória, mas fisicamente.

Ainda as vemos, ouvimos sua voz, convivemos com elas.

Às vezes penso nisso ao passar em ruas, avenidas e viadutos que levam o nome de amigos meus que faleceram recentemente. Tenho até um



*Roberto Duailibi*

apartamento numa rua que leva o nome de um ex-colega de trabalho, a quem algum vereador amigo resolveu homenagear; passo todos os dias por uma avenida importante, que traz o nome de um grande empresário de comunicação, com o qual convivi como amigo e parceiro; atravesso o viaduto com o nome de um ex-secretário de esportes de São Paulo, que criou os passeios a pé e fez os cidadãos



Aluizio Rebello e Dona Anna Helena

conhecerem sua própria cidade e ao qual, muitas vezes, atribuo até a criação da profissão dos instrutores físicos.

É a nossa geração, ou uma geração imediatamente anterior, com cujos membros tivemos o privilégio de conviver. Alguns foram nossos professores, outros companheiros de profissão, outros concorrentes, alguns foram até vizinhos, mas com todos compartilhamos a aventura de viver.

Penso agora no Aluizio Rebello de Araujo, cujo falecimento ocorreu recentemente.

Foi um dos fundadores da FUNCEB. Vejo sua fotografia ao lado do General Gleuber, do General Synésio, do Dr. Sabo, dos outros fundadores, naquela manhã de 15 de março do ano de 2000, no saguão do edifício do Comando do Exército, em Brasília. Depois, foi o segundo presidente da instituição de 2004 a 2008, substituindo o Flávio Corrêa, tarefa nada fácil. Dedicou-se intensamente à FUNCEB, apesar de suas outras inúmeras responsabilidades em suas próprias empresas (estava lançando um gigantesco empreendimento em Campinas, certamente o mais perfeito em seu gênero), e ainda no CEAL, Conselho Empresarial da América Latina,

no Conselho da Bienal de São Paulo e na Fundação Criança, onde realizou uma obra que certamente o consagrará para todo o sempre, o Itaci, Instituto de Tratamento do Câncer Infantil.

Na eulogia que tive o privilégio de escrever para o site da instituição [www.itaci.com.br](http://www.itaci.com.br) afirmei que “o Itaci é um monumento de pedra e cal a Aluizio Rebello de Araujo e sua determinação a causas do bem”.

Reafirmo-o agora, e acrescento que o que mais admirava em Aluizio – “a capacidade de mobilizar talentos – essa era a grande virtude de Aluizio, com seu jeito amigável de conversar, sua cortesia sincera, sua elegância em todos os momentos”.

A presença de Aluizio na FUNCEB era, por ele mesmo, motivo de alegria. “Volto a ser o tenente do CPOR”, dizia-me ele, acrescentando que a convivência com o General Synésio, com os comandantes Francisco Roberto de Albuquerque e Enzo Peri, com o coronel Petito, com o maestro Benito Juarez, com Waldir Siqueira, com Beatriz Pimenta Camargo, trazia-lhe grande satisfação.

Junto com sua esposa Anna Helena, adorava música. Ia todos os anos assistir ao Festival de Salzburgo na Áustria, onde se apresentam as melhores orquestras do mundo e os regentes mais talentosos. Talvez por isso, tenha se dedicado tanto para a Banda Sinfônica do Exército, sem dúvida, hoje em dia, fosse a mais profissional orquestra militar em toda a América Latina. Acompanhava os ensaios, trocava ideias com o Maestro, estimulava o General Fayad a administrar a agenda da Banda, preocupava-se com a farda das apresentações e com o aspecto dos músicos, com o brilho dos instrumentos.

Por suprema ironia, não foi capaz de realizar o seu grande sonho como Presidente da FUNCEB, que era o de transformar o imóvel que o Exército possuía na Rua da Liberdade, em São Paulo, na grande escola de música do país. Esse imóvel abrigara, no passado, uma Sociedade Lira, de imigrantes alemães, que cultivavam ali a música e danças tradicionais de seu país e que, aparentemente, desaparecera ao longo dos anos. Era um dos últimos ainda não devolvidos pela União daqueles desapropriados na época da II Guerra



Solenidade da posse como Presidente da FUNCEB

Mundial. Investiu pessoalmente e com o auxílio de seus colegas da Odebrecht, em criar um projeto inaudável, preservando a arquitetura do prédio, mas transformando seu interior numa excelente escola, com salas isoladas para o ensaio de cada instrumento, um grande auditório para ensaios coletivos e apresentações e ainda salas para a sede da FUNCEB em São Paulo. O próprio prédio teria uma grande proteção acústica, já que se encontra num bairro rodeado de edifícios residenciais. Quando tudo estava pronto para Aluizio começar a grande mobilização de seus amigos para a reforma, eis que surgem os atuais diretores da Sociedade Lira, que não havia de fato desaparecido, e que reivindicavam, através de um escritório de advocacia de Brasília, a devolução do prédio.

Aluizio ainda tentou negociar com eles (ou “elas”, porque eram duas senhoras idosas) algum tipo de parceria, pois o objetivo de ambas as instituições coincidia – o amor à música.

Em vão. O projeto foi abandonado, e eu conseguia sentir a mágoa de Aluizio.

A vida, no entanto, prosseguiu. Outros projetos foram levados adiante, como a restauração final da Fortaleza de Santa Cruz, da Igreja do Bom Jesus da Coluna e de uma possível construção de um prédio para a FUNCEB em São Paulo.

Cumprido o seu mandato, Aluizio continuou como Conselheiro da Instituição e não faltava a uma só das reuniões. Ele nos premiava com sua presença, sua amizade e inteligência, e sua elegância.

E pela alegria que transmitia, sentíamos que naquelas reuniões da FUNCEB, ele era, de novo, o jovem tenente do CPOR que nunca deixou de ser.

*Roberto Duailibi*